

o homem e o mundo

outubro de 1953

O ROMANTISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL

De EVARISTO DE MORAES FILHO

EM um livro aparecido há cerca de três décadas — **Retrato do Brasil** — e que teve ampla repercussão, suscitando debates e sacudindo um pouco o nosso marasmo nacional, atacava Paulo Prado o romantismo nas páginas da história brasileira, culpando-o dos principais erros políticos do nosso passado. O pessimismo atravessa tôdas as linhas da obra, conduzindo o leitor através de um sensualismo quase mórbido e de uma tristeza estática e paralisadora. Para o autor, o brasileiro vive oscilando entre dois pólos: o sexo e a melancolia, ou a exaltação do prazer da carne ou o abandono que a sucede.

De início, confessa Paulo Prado a dificuldade de definir o romantismo. Talvez, pelo excesso de definições e de livros sôbre o assunto. Assim mesmo, enche três páginas procurando caracterizá-lo, e o consegue de sobra. Indica as várias maneiras pelas quais costumam conceituá-lo: a que opõe o romantismo, concreto, vivo, movimentado, ao classicismo, ordenado, lógico, abstrato; a que dá o romantismo simplesmente como a atitude de uma época de revolta e renovação, como reação contra as disciplinas que procuravam abafar os anelos dos libertos do século XVIII; a que divide o romantismo em romantismo de inteligência, afirmação de generosidade, ardor, fé no espírito humano, e romantismo do sentimento, lírico, pessimista. Originam-se ambos de Jean Jacques Rousseau: o sonhar inútil e solitário, egocêntrico e revoltado, masoquista e sofredor, de um lado; a fraseologia liberal de igualdade, de liberdade, de tiradas inofensivas contra os tiranos, de outro. Onde, entretanto, vê Paulo Prado a essência do mal romântico é no divórcio, eis uma das suas afirmativas. Tôda a nossa história foi romântica, nada se fez, nada se pretendeu fazer, sem um espírito ingênuo de menino levado e irrequieto, que primeiro agiu para depois pensar. Romântico foi o grupo de José Joaquim da Maia, em 1786. Românticas foram as revoluções pernambucanas de 1817 e 1824. Romântico foi Pedro I, fazendo a nossa independência. Romântica, a Constituição de 1824. Romântica, a maçonaria no Brasil. Em resumo, diz êle: tudo misantropia e pessimismo.

Apesar de ter mostrado aquelas três direções de conceituação das correntes românticas, Paulo Prado não se define por nenhuma delas, daí a sua confusão e imprecisão. Talvez por haver tomado uma só para padrão do seu ensaio: ou só Rousseau, ou só Chateaubriand, os românticos-típos. Em verdade, numa só palavra — romântico — podem-se resumir tendências e condutas opostas. Os que se conformam, como Schopenhauer, e os que se revoltam, como Nietzsche. Os que se queixam do amor, como Musset, e os que o exaltam, como Walt Whitman. Os que desesperam do futuro do mundo, como Spengler, e os que vêem nêle a idade de ouro, como Thomas Mo-

sificados o Sturm und Drang e Elizabeth Browning.

O melhor, pois, seria não defini-lo. E, sim, tomar a primeira das conceituações, isto é, a que opõe o romantismo e o classicismo. E' o que, por exemplo, faz Papini num ensaio intitulado **Único e diverso**, aparecido em 1904, e que mais tarde foi incluído no seu livro sôbre o **Pragmatismo**. Escreve o autor de Gog: "O universo representa o produto da oposição constante e universal do princípio clássico e do princípio romântico, do único e do diverso. No clássico inclui-se tudo que é universal, unitário, passivo; no romântico, tudo que é pessoal particular, ativo. Tudo que tende à mudança, ao movimento e à personalidade é romântico".

Colocadas as coisas neste pé, desaparece a conceituação pejorativa do romântico, que deixa de significar simplesmente o anormal, o masoquista, os olhos sempre rasos de lágrimas e o estômago cheio de bebida. Trata-se de duas concepções do mundo e da vida, como verdadeiras filosofias que se esforçam por desvendar o enigma do universo. Nesses assuntos, não se pode ficar no campo puramente literário, de mera sensibilidade à flor da pele, é preciso dar-se um conceito mais amplo, mais genérico, mais filosófico.

Encontra-se esta oposição em todo o domínio intelectual, da metafísica mais abstrata à sociologia mais realista. Em qualquer dêles, clássico é o **único**; romântico é o **diverso**. Em estética, por exemplo, opõem-se artes do espaço e artes do tempo; pintura e dança; escultura e poesia; arquitetura e música; oratória, retórica e **esprit, humour**; melodia e sinfonia; dialética e lírica. E' óbvio que os clássicos são sempre os primeiros; românticos, os segundos. O **único** conduz sempre a uma atitude de permanência, de alguma coisa que se tem como completa e perfeita, que pára no tempo, à espera do julgamento definitivo da posteridade. O **diverso** mergulha na própria vida tumultuária, sempre inquieto, dinâmico, prêso à realidade. Um seria a essência; outro, a existência.

Mas voltemos ao livro de Paulo Prado. Foi êle bastante injusto na escolha dos exemplos românticos da nossa história. Não quanto aos literários, que estão batidos e rebatidos, surrados e ressurrados. São sempre os mesmos, num repisar e angustioso de idéias e de nomes. Quanto aos políticos — o que seria uma aplicação mais ampla, embora legítima, do romantismo — são discutíveis e duvidosos. Por que foram românticas as revoluções pernambucanas de 1817 e 1824? Chamar-se românticas estas revoluções é querer fazer **blague** ou fingir desconhecer os motivos profundos que as originaram. Motivos profundos, reais, iniludíveis. Não foram nem só sentimentais, nem só literários. Eram motivos sociais e humanos. E se elas vencessem, ainda

(CONCLUI NA PÁGINA 150)

O ROMANTISMO NA HISTÓRIA DO BRASIL

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 66)

seriam românticas? De fato, não escondiam os seus cabeças a grande influência dos enciclopedistas e de Rousseau, da Revolução Francesa, em suma. Mas, como já havia acontecido com os revolucionários franceses, era preciso um fundo real de injustiça social para que essa ideologia tomasse pé.

As ideologias não ficam no ar, não vêm misteriosamente do Céu para a Terra. Pelo contrário, nascem das insatisfações, dos anelos, dos sofrimentos de um povo, de um grupo social, de uma época ou de uma região. Representam elas para esses grupos o mesmo que a justificação para o complexo de inferioridade, ou as mil virgens celestes para os árabes. Eis, em linguagem simbólica, toda a tese da *Wissenssoziologie* de K. Max Scheler, P. L. Landsberg, e outros. Aliás, na procura da liberdade — não utópica ou igualitária — é que está a essência do romantismo. O movimento romântico significa, em toda a história, evasão, revolta, separação. Significa o libertar-se de alguma coisa, de todas as formas e medidas da idade clássica.

Passemos em revista, rapidamente, o século XIX e o fim do século XVIII. Com Rousseau está a tentativa de libertar o homem das convenções da civilização; com Kant é o pensamento que se separa da coisa; Napoleão é o milagre do aventureiro mundial, com ele ressuscitam novos entusiasmos, novas ambições, novas lendas; Herder nos liberta da literatura e da nacionalidade, e torna a poesia espontânea a todos os povos; Fichte liberta o eu do mundo; Schopenhauer quer nos libertar das obsessões da vontade; Carlyle, do homem-terrestre; Stirner, do homem-idéia; Nietzsche, do homem lógico e moralista; Bergson, do homem social e parcial. Tudo o que se fez de grande, de nobre, de ideal no mundo foi devido ao romantismo. Nada sem libertação e de aurora se construiu na história sem os românticos. São os que abandonam as cidades, o conforto, os salões e se internam pelas florestas, pelos pântanos, pelos mares. São eles que sempre empurram a fronteira mais para diante, o que importa é o ideal que nunca os abandona.

Se, para Paulo Prado, o romantismo se caracteriza pela separação da realidade e do artifício, como compreender que Pedro I tivesse conseguido a nossa independência? Romântico era ele pessoalmente; romântico foi o modo pelo qual gritou a nossa independência; romântico era o ambiente. Mas, por que não surgiu um Pedro I antes ou depois de 1822? Por que Napoleão, romântico, surgiu somente depois da Revolução Francesa? Por que Garibaldi, romântico, apareceu somente na época da unificação italiana? E Kosciusko, Bolívar e tantos outros? Somente porque as circunstâncias histórico-culturais os tornaram possíveis, fazendo coincidir os seus temperamentos com o momento que passava. Foram criados pelo instante histórico, pelo entrosamento das forças sociais. Longe de terem sido a causa exclusiva, formaram com o seu tempo um todo funcional inextricável e indivisível. Se coincidem os dois — o homem e o momento — resulta a vitória, segundo o Goethe. Caso contrário, a derrota. E Napoleão também já não dizia que era filho das circunstâncias?

Nada mais contraditório, pois, do que o romantismo. Se é quietista, também é ativista; se, por vezes, se conforma e renuncia, por outras, também se revolta e esbrame; se é lírico e otimista, também é pessimista e desesperado. E muitas vezes esse pessimismo, essa melancolia, nada mais são do que a fadiga da obra, a febre da batalha, a desproporção eterna entre os propósitos e as forças humanas, o lamento inconsciente das velhas coisas mortas. E ninguém pode negar que é mais heróico morrer congelado no meio da estepe imensa, do que examiná-la num mapa e imaginá-la a distância. O romantismo é Deus e o Diabo, é o bem e o mal, o útil e o inútil, o belo e o feio. Em verdade, eu vos digo, cabem quanto ao romantismo aquelas mesmas palavras que Huxley disse de Shelley, no **Contraponto**: "Shelley tem qualquer coisa de verdadeiramente assustador. Não é humano, não é um homem. É um misto de fada e de lesma branca"